

UFMT



Filhotes de emas nascidos na chocadeira da Universidade Federal de Mato Grosso



Técnicos do zoológico da UFMT cuidam das emas que deverão ser soltas em aldeias dos índios parecis

**BIOLOGIA**

# Emas devem ser reintroduzidas em aldeias

*UFMT e Opan vão reproduzir em cativeiro as aves e soltá-las em áreas dos parecis, que serão treinados no manejo dos animais*

**KLEBER LIMA**  
Especial para o DIÁRIO

O Zoológico da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e a Operação Amazônia Nativa (Opan) estão reproduzindo emas em cativeiro, no regime de confinamento e semi-confinamento, para reintroduzi-las nas aldeias indígenas parecis Salto da Mulher e Seringal, localizadas entre os municípios de Campo Novo do Parecis e Tangará da Serra.

O projeto foi denominado "Reprodução e reintrodução da ema Rhea americana na Reserva Pareci", teve início em abril de 1996 e será transformado na

monografia de conclusão de curso da estudante Artema de Lima, 5º semestre de Biologia da UFMT.

Foram preparados 15 filhotes de ema aptos a se acasalar por conta própria e chocar os ovos eles mesmos, sem o emprego de técnicas artificiais como as chocadeiras elétricas. Uma vez adquirida a auto-suficiência reprodutiva das matrizes, que já são subadultas, com sete meses, os pesquisadores vão acompanhar a sua reintrodução nas aldeias.

A primeira tentativa de reintrodução será feita possivelmente em junho. Na região vivem cerca de 100 índios. Nas aldeias as

aves ficarão em áreas de aproximadamente 20 hectares. O projeto previu a construção de cercas com tela na área, mas a falta de recursos até agora deve forçar a soltura dos animais em campo aberto.

"Como elas ficarão em área aberta a tendência é que se agrupem nos bandos existentes na região", disse o orientador do projeto, biólogo João Batista de Pinho, que também é diretor do zoológico.

Os custos do projeto foram estimados em cerca de R\$ 13 mil, que estão sendo pleiteados na Funai, Pnud e Prodeagro. Os índios ajudarão com a extração dos cerca de 1.100 postes e

mourões para a construção da cercas, caso se viabilizem os recursos para os outros materiais.

A alimentação das emas será feita com ração e produtos provenientes das roças de milho e mandioca que os índios cultivam. A etapa final do trabalho vai consistir no treinamento dos índios com as técnicas de manejo dos filhotes e matrizes. Eles receberão dos veterinários e biólogos do zoológico e Opan instruções sobre os tipos de ração mais adequados e os cuidados no processo de reprodução.

"Mas nós não podemos nos esquecer que os índios convi-

vem com a emas há centenas de anos e poderão ensinar aos técnicos muita coisa sobre o comportamento delas em seu habitat natural", salientou Nelsom Secchi, coordenador Técnico da Opan.

O projeto surgiu devido à diminuição da população de emas na região. A causa foi a intensificação da atividade agrícola em Mato Grosso nos últimos 30 anos, sobretudo na ocupação do cerrado pela monocultura da soja, fator que influenciou bastante na diminuição da fauna no estado.

As aves se concentram hoje nas reservas indígenas, consideradas "ilhas de cerrado" em

meio a devastação. A ampliação da agricultura provocou um acelerado processo de povoamento e colonização de migrantes, enquanto a ema, uma espécie nativa da região, teve seu habitat modificado.

Os índios de algumas regiões, como Chapadão dos Parecis, por exemplo, perderam com isso uma de suas principais fontes de proteína e um elemento vital de sua cultura: o hábito da caça da ave e a produção de artesanato com suas penas. Dados da Opan revelam que hoje em dia os índios consomem metade da carne de ema que consumiam no passado. (Colaborou Natália Roseira)

VIDE VÍDEO



O zoológico da UFMT mantém um grupo de 18 aves adultas, sendo 14 fêmeas e quatro machos. Além de fornecer a carne, as emas ajudam a controlar os insetos

## Ainda é alta a mortalidade dos filhotes

Especial para o DIÁRIO

Quando falamos de aborto geralmente nos referimos à retirada prematura de uma criança do útero de sua mãe, voluntária ou involuntariamente. O dicionário Aurélio nos dá várias definições para o termo. Entre elas encontramos "insucesso, malogro, produção imperfeita".

Na experiência do zoológico da UFMT com a reprodução das emas em cativeiro foi registrado um índice considerável de filhotes que não "nascerem" (eclodiram) dos ovos chocados.

Segundo o orientador do projeto, João Batista, o problema foi localizado na composição da casca dos ovos. Os fetos se desenvolviam normalmente durante os 40 dias de incubação, período em que são chocados, mas não nasciam.

Segundo a estudante de biologia Artema Almeida quando os filhotes já estavam prontos para nascer, completos anatomicamente, esgotavam todas as suas forças na tentativa de quebrar a casca do

ovo mas "provavelmente morriam desidratados". "Há também a possibilidade de o filhote agonizar asfixiado, sim, mas ainda não temos provas", explicou.

A pesquisa na UFMT revelou um dado significativo sobre as rações. Segundo João Batista, foi registrado um problema de calcificação da casca dos ovos, o que as deixou muito duras.

O biólogo explicou que na falta da alimentação natural, insetos e brotos, as emas estavam sendo alimentadas com ração para caninos. "Mas aí nós pesquisamos e resolvemos utilizar ração de ovinos (ovelhas) e acabamos com o problema da calcificação", salientou.

Os pesquisadores ainda não sabem quais são exatamente os fatores que aumentam o nível de calcificação dos ovos. O médico veterinário Luciano Antunes ensina que tanto a ração canina como a ovina são compostas de proteínas, cálcio e aminoácidos, embora em níveis diferentes de composição. Ele acredita que a principal

diferença entre as rações utilizadas seja a quantidade de cálcio de cada uma.

O grupo pesquisado na UFMT é composto de 18 emas adultas, sendo quatro machos e quatorze fêmeas. Apesar do problema da calcificação, segundo o diretor do zoo, os resultados na reprodução são satisfatórios. "Neste ano, com o aprendizado adquirido, podemos atingir um índice de 90% de eclosão e sobrevivência dos filhotes", disse.

De uma postura de 191 ovos em 1996 eclodiram (nasceram) 91 filhotes, o que dá um percentual de aproximadamente 47%. O problema agora é tentar evitar a mortalidade neonatal (quando o filhote ainda é pequenino).

Os pesquisadores revelam que apenas 12% dos filhotes sobreviveram. As causas da mortalidade estão sendo estudadas. Os pesquisadores apontam a falta de instalações adequadas para os filhotes e problemas relacionados às rações como os principais motivos.

Os filhotes também têm apre-

sentado problemas de entortamento de patas e de ossos deformados (osteodistrofia). Estas deficiências impedem que eles se locomovam até o alimento, levando-os à morte por inanição, quando não são sacrificados.

INÉDITA - A reprodução da ema em cativeiro é recente no Brasil, desenvolvida apenas pelos zoológicos das universidades de Mato Grosso, São Carlos (SP), Bauru (SP) e Belo Horizonte (MG). A experiência da UFMT, no entanto, é inédita porque é a única que consegue a reprodução com a própria ema chocando seus ovos. Os ovos só vão para a chocadeira quando não eclodem ou são abandonados pelo macho, conforme explicações do biólogo.

João Batista informou que o trabalho já despertou o interesse dos fazendeiros. No passado eles acreditavam que as emas atacavam as lavouras. "Mas hoje eles sabem que as aves ajudam no controle biológico das pragas, protegendo as lavouras", completou. (KL)

## Machos também desenvolvem o 'lado maternal'

Especial para o DIÁRIO

As emas têm hábitos peculiares de aninhamento. É o macho quem choca os ovos e cuida dos filhotes. O ninho também é construído pelo macho, que cava com os pés um buraco raso no chão e forra com capim seco.

Depois leva várias fêmeas para o ninho, onde todas as emas do grupo põem seus ovos. Este processo pode ser repetido diversas vezes e o ninho pode ter mais de 30 ovos.

Há várias outras espécies de animais cujos machos chocam ou cuidam dos filhotes. No caso do cavalo marinho, por exemplo, é a fêmea que põe os ovos mas o macho é que os protege até os filhotes nascerem.

Na maioria das espécies de peixes também são os machos que cuidam dos filhotes. Os pesquisadores do zoológico da UFMT não sabem se há algum dado científico para explicar o porquê os machos da ema chocam os ovos. Eles acreditam que seja "uma característica da espécie".

A ema é uma grande ave que vive na América do Sul e não pode voar. Frequentemente ela é chamada de avestruz sul-americana. No entanto ela tem dois dedos em cada pata enquanto o avestruz tem três. Além disso, a ema tem as asas maiores e mais penas no pescoço e na cabeça que o avestruz.

Há apenas um macho de ema para um bando de fêmeas na época do acasalamento. As fêmeas se agrupam na "área" definida (e defendida) pelo macho que escolher. Em alguns casos elas são "escolhidas" pelo macho vencedor de uma disputa entre dois ou mais machos. Cada fêmea pode por até dez ovos por época de postura, que varia de julho a outubro de cada ano.

As emas habitam as planícies do Sul e Centro-Oeste brasileiros e algumas regiões do Uruguai, Paraguai e Argentina. Normalmente se reúnem em bandos de 20 a 30 aves, principalmente perto da água, para que possam nadar e se alimentar.

Há muitas especulações sobre seus hábitos. Muitos acreditam que elas "bicam" os olhos das pessoas. O biólogo João Batista explica que a ave é muito curiosa. Como não tem mãos, toca o que deseja com o bico. "Elas são muito curiosas, mas não são agressivas", disse o biólogo. (KL)

## Opan traça o perfil dos índios parecis

Especial para o DIÁRIO

A Opan está concluindo um levantamento sócio-econômico e cultural dos parecis, que deve ser divulgado em junho. Noutra pesquisa sobre o impacto causado pela ocupação dos entornos das reservas, a Opan já apurou o nível de envenenamento dos rios e dos

animais das reservas pelos agrotóxicos. Outro dado é o risco da "invasão branca" das reservas.

Segundo Nelson Secchi, coordenador da organização, os índios perderam parte do seu potencial de caça e de agricultura. "Com isso eles acabam virando bóias-frias dos fazendeiros ou arrendando suas terras como alternativa econômica".

Nelson Secchi adverte que esta situação pode se tornar ainda mais grave porque "a partir do arrendamento, as técnicas de agricultura nas reservas passam a ser os grandes desmatamentos e uso dos agrotóxicos".

As primeiras notícias do povo pareci datam de 1553 e foram registradas pelo jesuíta português Antônio Rodrigues. Em 1907 o marechal Cândido Rondon, coordenando a implantação das linhas telegráficas, encontrou o primeiro grupo pareci de 70 quilômetros de Diamantino.

Os parecis vivem hoje em uma área de cerca de 1200 hectares, localizada no Chapadão dos Parecis. Eles falam uma língua da família aruaque e têm hoje uma população de aproximadamente 900 pessoas, distribuídas em 23 aldeias, conforme dados da Funai de 1991. Antes da chegada dos bandeirantes, segundo a Opan, havia "o grande reino pareci, com cerca de 1600 a 1700 índios".

As aldeias em que eles vivem têm densidade populacional baixa, famílias extensas, e autonomia política e econômica. Cada unidade familiar tem um chefe. Embora já sejam quase 330 anos de contato, os parecis ainda mantêm hábi-

tos de caça e agricultura. Nas roças o cultivo da mandioca é a atividade econômica mais significativa. Também são cultivados cará, araruta, batata doce, banana, abóbora, abacaxi e arroz.

A população pareci, segundo Nelson Secchi, no começo do século contava apenas 350 índios. Hoje a população ultrapassa 900 pessoas. (KL)

LUX JORNAL

DIÁRIO DE CUIABA  
CUIABA - MT

PUBLICADO EM:  
2 MAR 1997

INSTITUTO	Documentação
157	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte: <i>Arquivo de Cuiabá</i>	
Data: 23/11/97	Pg. _____
Class. _____	

96